

# Editorial

Dando sequência à edição anterior, a E&C 36 apresenta uma seleção de trabalhos do IX Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura do Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O Simpósio, realizado entre os dias 29 e 31 de outubro de 2014, se estruturou em eixos que contemplaram temáticas influentes na geografia cultural brasileira e internacional. A edição 35 da E&C apresentou artigos dos eixos relativos às *tradições* e às novas *perspectivas* na geografia cultural, reunindo pesquisadores que vêm contribuindo com o Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura desde a sua criação. Na presente edição, oferecemos aos nossos leitores pesquisas sobre *arte e narrativas geográficas*, temas que ganham cada vez mais espaço na geografia cultural brasileira.

Há pelo menos uma década, o Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura se tornou uma referência nos debates sobre cultura visual, produção artística e narrativas geográficas, temáticas muito frequentes na presente edição da revista. O quinto Simpósio, realizado em outubro de 2006, por exemplo, já apresentava mesas que discutiam exclusivamente as relações entre geografia e produção de imagens. Foi neste ano que apresentei pela primeira vez uma pesquisa no encontro, tendo a oportunidade de dialogar com pesquisadores interessados em estudar o papel das imagens na difusão do conhecimento geográfico.

A força destes eixos temáticos na geografia cultural brasileira em geral e no simpósio de forma particular ficou evidente com a grande quantidade de trabalhos que recebemos para os eixos intitulados *Representações Cartográficas da Cultura e Geografia e Cultura Visual*. Autores nacionais e internacionais ofereceram contribuições originais que sugerem novas agendas de pesquisa sobre objetos empíricos ainda pouco explorados na geografia brasileira. Os trabalhos aqui reunidos foram provenientes de mesas variadas e apresentam como característica comum a valorização da produção cultural de imagens na circulação do conhecimento sobre o espaço geográfico. Mapas e arte, contextos e imagens, cena e cultura urbana, narrativas e história literária, são algumas das temáticas aqui abordadas.

A grande quantidade de submissões de trabalhos qualificados estimulou a busca por auxílio financeiro para viabilizar a participação de pesquisadores de ponta sobre as temáticas em questão. O suporte da Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) possibilitou essa qualificação dos trabalhos apresentados, garantindo a presença de autores internacionais. São estes autores, provenientes dos Estados Unidos e da

Argentina, que abrem o presente número da E&C.

A primeira contribuição internacional é de Denis Wood, que foi professor da North Caroline State University e é atualmente reconhecido como importante referência na introdução de abordagens culturais na cartografia. Em seu texto *Maps, Art, Power*, Wood nos oferece um levantamento bastante completo sobre o uso da cartografia pelos artistas no século XX, considerando como a produção de imagens artística pode ser entendida como uma forma de “contra-mapeamento”, questionando as normas rígidas da cartografia tradicional.

Os mapas artísticos seguem em foco no segundo artigo da revista, no qual Carla Lois, professora da Universidad Nacional de La Plata, na Argentina, oferece uma contribuição metodológica consistente para abordar a pluralidade das imagens cartográficas. Ao criar séries de agrupamento com diferentes tipos de mapas a autora possibilita que o leitor entre em contato com a instabilidade nos contextos de interpretação destas imagens. Um caminho metodológico interessante se abre a partir deste diálogo entre história da arte e imagens cartográficas.

Reforçando o caráter internacional do encontro, Veronica Carolina Hollman, pesquisadora do CONICET na Universidade de Buenos Aires e professora na Universidad del Centro de la Provincia de Buenos Aires, também trouxe contribuições importantes sobre os contextos de difusão das imagens. A relação entre cultura visual e a geografia tem sido o eixo dos interesses da autora, que traz aqui uma proposta metodológica construída a partir de uma pesquisa sobre os discursos ambientais na imprensa argentina.

Os mapas voltam para o centro das atenções no artigo seguinte, assinado por Gisele Girardi, professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Tendo como exemplo a produção de um mapa turístico da cidade de Vitória, a autora busca aplicar duas possibilidades de leitura de mapas da cartografia crítica, a abordagem de ator-rede e a perspectiva do paramapa. Ao explorar as opiniões sobre um mapa extremamente difundido, a pesquisa busca evidenciar como os mapas produzem e são produzidos por políticas espaciais.

Outro artigo também focado nas linguagens cartográficas utilizadas para representar fenômenos espaciais é o texto de Jörn Seemann, atualmente professor da Ball State University. Articulando as relações entre cartografia e cultura com a religião, uma das temáticas mais tradicionais do simpósio, o autor oferece uma “abordagem cartográfico cultural” para discutir o mapeamento de fenômenos religiosos. O objetivo do ensaio é discutir as relações entre temas religiosos e a cartografia na sua dimensão visual, tornando os mapas uma ferramenta para ter acesso a mitos e visões de mundo nos estudos da religião.

O papel das imagens na construção e compreensão dos lugares é o foco no artigo de Maria Helena Vaz da Costa, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A autora desvela facetas interessantes das geografias fílmicas, considerando o cinema enquanto produção/concepção visual que molda o entendimento e a percepção do espaço e da paisagem. Os argumentos apresentados buscam revelar como as cidades contemporâneas

representadas nas produções cinematográficas americanas e brasileiras são construídas a partir de uma aglomeração de signos e referências, produzindo uma “estética do espaço”.

Sob a ótica da Teoria Literária, a professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, discute como as paisagens nos romances de Lima Barreto podem ser entendidas como uma “coleção de imagens”. Especialista na obra do escritor brasileiro, a autora compara seus textos do início do século XX com escritos românticos do século XIX, apontando que a literatura realiza um processo de invenção da paisagem como elemento significativo da identidade cultural brasileira.

As paisagens e suas relações com as identidades também são o foco da professora Lucia Capanema Alvares, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Apresentando alguns extratos de pesquisa realizada sobre a apropriação dos espaços livres públicos no centro da cidade e no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, a autora ressalta o processo de construção de identidades urbanas a partir da contraposição de distintas lógicas de uso e apropriação dos cidadãos, do Estado e do capital privado.

As narrativas identitárias e as apropriações do espaço urbano aparecem em uma dimensão histórica no trabalho da antropóloga Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro, professora da Universidade Estadual de São Paulo. Por meio de registros fotográficos, documentos e relatos colhidos entre a população negra atual da cidade de Rio Claro – SP, a autora observa como muitos saberes e práticas dessa população se inscreviam no espaço urbano enunciando temporalidades diversas das relações sociais.

A presente edição da E&C se encerra com a interessante contribuição do professor Jorge Luiz Barbosa da Universidade Federal Fluminense, que vem se dedicando às pesquisas sobre a produção cultural nas favelas e as imagens do espaço urbano. No artigo apresentado no simpósio, o autor compartilha alguns resultados da longa pesquisa que realiza à frente do Observatório de Favelas, na qual propõe uma reflexão sobre as experiências estéticas das favelas cariocas. Concebidas como “territórios plurais da criação cultural”, as favelas representariam contrapontos possíveis à esmagadora mercadorização e estetização globalizada das culturas e dos lugares. Ainda que, por um viés diferente daquele que abriu esta revista, a arte novamente aparece aqui como forma de propagar narrativas e imagens alternativas sobre o espaço.

As edições 35 e 36 da E&C evidenciam que o Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura se mantém como um lugar privilegiado para os debates sobre abordagens culturais na geografia brasileira. Como qualquer artefato que difunde a produção do conhecimento científico, uma revista é sempre fruto de um contexto social situado e posicionado, relacionado a um ambiente acadêmico específico. Esperamos que os próximos simpósios reafirmem seu lugar como fórum de pesquisas qualificadas e relevantes na geografia brasileira, para que a Revista E&C continue tendo o privilégio de publicar em suas páginas a seleção de textos do evento.

*André Reyes Novaes*